



ROTAÇÃO DE FALANGE DISTAL EM MEMBRO CONTRA-LATERAL DE FRATURA DE TÍBIA, DECORRENTE DE LAMINITE EM EQUINO: RELATO DE CASO

José Otavio Pupim dos Santos¹; Antônio Mazieiro Neto²; Gabriel Leão Cangassu³; Rafael de Moura Jorge⁴; Samara Antunes Longo⁵; Giovana Milena Ferrarini⁶; Rodrigo Rolim Duarte⁷.

¹Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. josepupim@outlook.com

²Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. Antoniomazieiro1@hotmail.com

³Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. gabrieleaoc@gmail.com

⁴Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. rmourajorge@gmail.com

⁵Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. samaralongo@alunos.unicesumar.edu.br

⁶Médica Veterinária, Residente do Equine Hospital. giovanaferrarini@hotmail.com

⁷Orientador, Mestre, Docente no Curso de Medicina Veterinária, Campus Maringá-PR UNICESUMAR. rodrigo.rolim@unicesumar.edu.br

RESUMO

Este trabalho visa relatar o caso de um potro, que foi diagnosticado com rotação de terceira falange decorrente de laminite no membro contralateral ao da fratura. A laminite é uma inflamação nas lâminas do casco que dependendo do caso pode levar a uma rotação da falange distal. Na anamnese, o paciente apresentava-se em decubito lateral e com presença de pulso digital e perfuração de sola. Para o diagnóstico foram utilizadas imagens radiográficas e no tratamento foram utilizados Sulfadiazina associado ao Trimetropim como antibioticoterapia; Pentoxifilina como vasodilatador e Firocoxibe como anti-inflamatório oral. Neste trabalho será abordado sobre o tema laminite, suas causas, tipos, prognóstico e possíveis tratamentos, direcionando a individualidade do caso.

PALAVRAS-CHAVE: Locomotor equino; Membros Torácicos; Terceira falange.

INTRODUÇÃO

O aparelho locomotor dos equinos tem importância fundamental na dinâmica da locomoção e sustentação do animal (THOMASSIAN, 2005). Considerada uma das principais causas de claudicação em equinos, a laminite causa imensos prejuízos ao animal e aos interessados em seu desempenho, podendo muitas vezes levar ao afastamento de suas atividades ou mesmo a necessidade de eutanásia. Mesmo com muitos estudos baseados em sua frequência, diversos pontos quanto a sua fisiopatologia, tratamento e mecanismos de desenvolvimento ainda se fazem necessários de estudos.

Mais do que a inflamação das lâminas do casco, a laminite é uma doença peri vascular periférica que se manifesta por uma diminuição na perfusão capilar no interior do membro, quantidades significativas de desvios arteriovenosos, necrose isquêmica das lâminas e dor, podendo levar a um grau de rotação da falange distal, dependendo das lesões causadas (STASHAK, 2006).

A doença pode ser definida como uma falha no eixo paralelo da terceira falange com a parede do casco, cuja falha associada com o peso do animal e com as forças biomecânicas da locomoção determinam rotação da falange distal. Após essa rotação, há danos às estruturas adjacentes, como cório solar, sistema sanguíneo local e coroa do



casco. A dor resultante é intensa e cursa com claudicação característica do quadro clínico (POLLITT, 2004). A rotação da falange distal pode ser consequência da associação entre a degeneração das lamelas dorsal do casco e as forças de tração exercidas pelo tendão flexor digital profundo (STASHAK, 2006). Essa complexa cadeia de eventos resulta em diferentes graus de perda ou colapso da interdigitação das lâminas dérmicas e epidérmicas primárias e secundárias do casco. A rotação de falange distal ocorre quando há perda, suficientemente, grave dessa interdigitação (STASHAK, 2006).

A teoria mais aceita é de que a mesma seria causada por uma vasoconstrição periférica decorrente de fatores sistêmicos adversos do metabolismo animal com liberação de endotoxinas, mediadores químicos que determinam, por exemplo, hipóxia e necrose das lâminas dérmicas e epidérmicas do casco e, conseqüentemente, rotação da falange distal (STASHAK, 2006 & THOMASSIAN, 2005). Basicamente a laminite pode ser classificada em dois tipos, laminite aguda e laminite crônica. O quadro agudo da laminite pode ser caracterizado pelo início do aparecimento dos sinais clínicos de claudicação, dor na região da pinça do casco, depressão, anorexia, alternância marcada do apoio dos membros, relutância em se movimentar, aumento do pulso das artérias digitais à palpação e aumento da temperatura sobre a parede do casco e banda coronária. Tremores musculares, aumento da frequência respiratória e temperatura retal, além de sinais de ansiedade também podem ser observados (STASHAK, 2006).

Enquanto na laminite crônica é a continuação do processo agudo e tem início com o primeiro sinal de deslocamento da falange distal dentro da cápsula do casco (OLIVEIRA, 2009). Esta fase pode durar, indefinidamente, com sinais clínicos que abrangem claudicação amena constante, dor severa no membro, degeneração das junções lamelares, decúbito, deformação da parede do casco e esfacelamento do casco (POLLITT, 1999). Depois de ocorrida a necrose lamelar, os processos fisiopatológicos são irreversíveis; portanto, mesmo que seja possível o rápido restabelecimento da relação geométrica normal entre a parede dorsal do casco e a falange distal, a refixação das lamelas dérmicas e epidérmicas não pode ser obtida e somente se estabelece com o crescimento de uma nova parede do casco e da reparação da lesão lamelar (FERREIRA, 2008).

Desse modo, o trabalho tem por objetivo relatar o caso de uma rotação de falange distal, originada de uma laminite aguda, originada de sobrecarga em membro contra-lateral de uma fratura de tíbia, abordando seus sinais clínicos, achados radiográficos e todos os aspectos relacionados ao diagnóstico e prognóstico do animal.

1 DESENVOLVIMENTO

1.1 ANAMNESE

No dia 29 de março de 2023 foi atendido no Equine Hospital, na cidade de Maringá – PR, um equino da raça quarto de milha, macho, com 6 meses de idade, tendo como principal sinal clínico o decúbito permanente, pulso digital forte e perfuração de sola. A anamnese do animal baseou-se nos sinais que o mesmo apresentou desde a intervenção cirúrgica a princípio realizada (fratura completa de tíbia). O animal apresentando no exame físico escoriações devido ao decúbito permanente; presença de pulso digital e perfuração de sola por falange (figura 1), achados que guiaram ao diagnóstico de laminite.



Figura 01: Perfuração da sola do casco pela 3° falange.
Disponibilizado por Equine Hospital Maringá

1.2 EXAMES COMPLEMENTARES

Foi solicitado o exame de imagem, que também veio a ser realizado no hospital, fechando o diagnóstico através do raio-x, com achado radiográfico que constata rotação da terceira falange no membro contralateral a fratura completa de tíbia (figura 2). No exame radiográfico foi utilizada a incidência Medio-lateral, 60 KV x 30 mAs, utilizando uma agulha de metal na ponta para obter direcionamento correto da muralha do casco.



Figura 2 (A): Membro afetado pela laminite, desenvolvendo a rotação de 3° falange.
Disponibilizado por Equine Hospital Maringá.

Figura 2 (B): Membro contralateral saudável.
Disponibilizado por Equine Hospital Maringá.

1.3 TRATAMENTO

O protocolo de tratamento realizado foi; Pentoxifilina 15 mg, BID, na dose de 7,5 mg/kg durante oito dias para melhorar a vasodilatação periférica e a vascularização local, eliminando assim a toxicidade do casco, além de auxiliar a entrada de outros medicamentos associados às lâminas do casco; Firocoxib meia dose oral, SID; Sulfadiazina 14 mg/kg associada ao trimetropim 2,8 mg/kg SID, a associação de dois antibióticos auxilia na



eliminação das bactérias presentes no casco. O tratamento permanecerá até a eliminação da infecção e a estabilização das lâminas.

3 CONCLUSÃO

A laminite é uma enfermidade muito preocupante no mundo equestre, a mesma pode causar danos irreversíveis ao animal. Sendo assim é muito importante dar o máximo de atenção aos seus sinais clínicos, observando a temperatura do animal; claudicação e principalmente a presença de pulso digital. O prognóstico do animal é decorrente de variados fatores, contudo o mais importante é avaliar o nível em que a doença afetou as lâminas do casco, utilizando exames complementares como radiografias pode-se observar o grau em que o quadro se encontra. O início do tratamento deve ter início logo após o diagnóstico, aumentando assim as chances de um bom prognóstico. Em casos de animais com elevados riscos do desenvolvimento da doença o tratamento pode ter início antes do diagnóstico.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, C. R. L. V. **Laminites em eqüinos**. 2008. 99f. Tese (Mestrado em Medicina Veterinária) – Faculdade de Medicina Veterinária de Lisboa.

POLLITTI, C. C. **Laminits Medical Therapy**. Disponível em:
http://www.laminitisresearch.org/downloads/chrispollitt_9_Laminitis_Medical_Therapy.pdf,
Acessado em: 04/04/2023.

STASHAK, Ted S. **Claudicação em Eqüinos**, Segundo Adams; 4ª edição; Editora Roca; São Paulo; 2006.

OLIVEIRA, J. F. **Laminite**. Disponível em:
<http://www.hvindaiaatuba.com.br/noticia.php?cod=6>, Acessado em 05/004/2023.

THOMASSIAN, S. **Enfermidades dos cavalos**. 4ªEd. São Paulo. Livraria Varela, 2005, p. 161-194